

NARRATIVAS ANCESTRAIS NA PAISAGEM DIGITAL

Marilaine Camargo

mari.mcamargo@gmail.com

<https://lattes.cnpq.br/9324312727274375>

Letícia Porfírio

leti.porf@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/6784750145484100>

RESUMO

Este artigo se propõe a iniciar uma reflexão sobre a presença de narrativas ancestrais no mundo tecnomidiático, explorando afetações no âmbito da experiência dentro das sociedades contemporâneas. Caracteriza-se como um recorte bibliográfico e entrecruza a noção de narrativa como uma 'brecha' do passado no futuro, discutida por Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman e as perspectivas da ideia de experiência trazida pelos autores. Juntamente com as concepções de Byung-Chul Han sobre o tempo, a transparência, o fim dos rituais e a imanência do igual na sociedade positiva. Os resultados da discussão evidenciam que a convergência entre tradição e inovação não apenas responde à ameaça de homogeneização, mas atua como uma força dinâmica que transcende as barreiras de tempo e espaço, redefinindo assim a própria ideia de experiência na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: narrativa ancestral; transposição digital; experiência

INTRODUÇÃO

Ao examinar a repercussão das narrativas ancestrais transmitidas oralmente ao longo da história da humanidade é crucial ter em mente que essas histórias transcendem limites temporais e espaciais, ressoando em diversas culturas e fortalecendo a busca humana por significados e compreensões (CAMPBELL, 1989). Denominadas de mitos primordiais, sagas ancestrais e tradições orais, essas narrativas, transmitidas de boca a ouvido através dos séculos, apresentam diferentes nomes em diversos contextos culturais e históricos, refletindo a riqueza da diversidade humana. Por meio da oralidade, os contadores de histórias, reconhecidos pela habilidade em preservar e transmitir narrativas

através do tempo desempenharam papel fundamental na construção da compreensão das sociedades sobre o mundo (MATOS, 2005).

Os mitos, contos e lendas (...) frequentemente constituem para os sábios dos tempos antigos um meio de transmitir, ao longo dos séculos, de uma maneira mais ou menos velada, pela linguagem de imagem, os conhecimentos que, recebidos desde a infância, ficarão gravados na memória profunda do indivíduo, para ressurgirem, talvez, no momento apropriado e iluminado por um novo sentido (...). Eles são a mensagem de ontem, destinada ao amanhã, transmitida no hoje (Hampâté Bâ apud MATOS, 2005, p. 26).

Com a ampliação das experiências de reprodutibilidade e evolução tecnológica, as narrativas deixaram de se perpetuar apenas por meio da potência do som (ONG, 1998). Presentes também na linearidade da escrita, nos frames das telas e na lógica algorítmica, são submetidas a uma entidade padrão que as coloca em diálogo consonante ao desenvolvimento tecnológico e demais interesses do meio onde se apresentam (MURRAY, 2003). Como objetivo de iniciar uma pesquisa acerca das afetações potencializadas pela presença das narrativas ancestrais no mundo tecnomidiático, este artigo se propõe à reflexão das seguintes problemáticas: como a transposição de narrativas ancestrais para o meio digital influencia a experiência? Como esse fenômeno se manifesta nas interações contemporâneas com essa forma narrativa?

Como abordagem metodológica, este artigo se caracteriza como um recorte bibliográfico que destaca autores cujas contribuições são fundamentais para a compreensão dos conceitos de experiência, reprodutibilidade, transposição e sociedade moderna. Walter Benjamin (1987) e Georges Didi-Huberman (2011) emergem como figuras-chave, trazendo insights importantes sobre a experiência narrativa como uma “brecha” que conecta o passado ao futuro, com reflexões que oferecem uma perspectiva sobre a construção do significado no tecido temporal da narrativa. Além disso, destaca-se a importância das concepções de Byung-Chul Han (2017) para a compreensão das dinâmicas contemporâneas. Seus estudos sobre o compartilhamento de vivências, a experiência do tempo e performance fornecem base para a análise das sociedades atuais, mediadas pela virtualidade.

Para uma melhor organização das discussões propostas, o primeiro tópico expõe os conceitos benjaminianos de experiência narrativa e os desdobramentos da percepção na obra “A Sobrevivência dos Vagalumes” (2011) de Didi-Huberman, juntamente com as reflexões de Han (2017) sobre a exposição exacerbada, o fim dos rituais, a imanência do igual e o tempo. No segundo tópico, concentra-se na narrativa dentro do ambiente midiático. O terceiro tópico estabelece um diálogo entre os autores e os formatos narrativos sintomáticos da virtualidade, caracterizando-se como uma transposição de narrativas ancestrais para o universo tecnomidiático. Nas considerações finais, são destacados os pontos-chave e as contribuições significativas que emergiram da análise desses tópicos.

1. A experiência tradicional

“A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”, escreve Walter Benjamin em “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” em 1936, enquanto discorre sobre especificidades da narrativa fundamentada na oralidade em contraste ao romance ou textos noticiosos (1987). Para o autor, diferente do romance ou da informação contida nos jornais, esse formato narrativo é dotado de forças que o tornam passível de atualizações para outros tempos e espaços, assegurando para si um caráter dinâmico e transcendental, que pela ausência de coesão se apresenta disponível a uma pluralidade de interpretações e experiências possíveis (BENJAMIN, 1987).

Benjamin observa essas narrativas enquanto capazes de transmitir saberes “de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescemos” como conexões entre o passado, o presente e o futuro. Em seu ensaio “Experiência e pobreza” de 1933, evidencia como as mesmas, em versões aparentemente simples, deixam de ser apenas contos de entretenimento ou relatos históricos e, dada a carga de simbolismo que carregam consigo, se transformam em veículos capazes de transmitir vivências para um futuro imaginado (BENJAMIN, 1987).

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que, no momento da morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra da região. Só então compreendem que o pai lhes havia transmitido uma certa lição: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (BENJAMIN, 1987, p. 114).

Para além da concepção onde a própria mensagem tem sua capacidade adaptativa propiciada pela experiência simbólica, o autor observa a vivência tanto pelo contador como pelo ouvinte da história como partes que compõem a narrativa. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria vivência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Torna-se crucial aqui considerar a análise de Walter Benjamin em relação à reprodutibilidade técnica, fenômeno que para ele marca o fim da “aura”. A “aura”, segundo Benjamin, é a autenticidade e singularidade inerentes a uma obra de arte original; e a reprodutibilidade técnica, ao multiplicar cópias idênticas destitui essa “aura” (BENJAMIN, 1987).

A compreensão de Benjamin sobre as histórias fundamentadas na oralidade destaca sua essência única de autenticidade e potência diante da experiência que a mesma proporciona e que para se estabelecer permeia uma estrutura anterior e posterior ao momento em que o contato entre contador e ouvinte acontece (BENJAMIN, 1987). Ao expandir a narrativa para além desse formato, surge o risco de diluir essa singularidade e, assim como em um processo de reprodutibilidade técnica, a experiência do espectador se altera.

No entanto, no confronto entre a aparente trivialidade das experiências cotidianas narradas e os grandes eventos e marcos históricos, conforme analisado por Didi-Huberman (2011), emerge uma oportunidade. Essa oportunidade não apenas impulsiona a resistência, mas também incita a preservação do que verdadeiramente tem importância. “Compreende-se então, que uma experiência interior, por mais ‘subjéctiva’, por mais ‘obscura’ que seja, pode aparecer como um lampejo para o outro, a partir do momento em que encontra a forma justa de sua construção, de sua narração, de sua transmissão” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.135). Nesse diálogo entre a preocupação inicial de Benjamin com a preservação da singularidade na disseminação e a ênfase de Didi-Huberman na

valorização das experiências aparentemente simples, delinea-se uma busca comum pela autenticidade na narrativa, independentemente das formas de transmissão.

1.1 A experiência que resiste sob a luz dos holofotes

Ao refletir sobre a experiência humana transformada no contexto do neocapitalismo e do novo fascismo italiano - através da metáfora do desaparecimento dos vaga-lumes - Pier Pasolini retratou mudanças profundas observadas por ele na sociedade ao longo do tempo.

No início dos anos de 1960, devido à poluição da atmosfera e, sobretudo, no campo, por causa da poluição da água (rios azuis e canais límpidos), os vaga-lumes começaram a desaparecer (sono cominciate a scomparire le lucciole). Foi um fenômeno fulminante e fulgurante (ilfenomeno è statofulmineo efolgorante). Após alguns anos, não havia mais vaga-lume. Hoje, essa é uma lembrança um tanto pungente do passado (apud DIDI-HUBERMAM, 2011, p. 27 e 28).

Didi-Huberman (2011), ao retomar as inquietações de Pasolini através da mesma metáfora, sugere que apesar da aparente ausência de percepção, a sobrevivência da espécie e a continuidade dos momentos excepcionais persistem. Num convite para que o espectador reconsidere sua própria posição e busque uma nova perspectiva para contemplar as luzes que ainda perduram nas artes e na poesia. “Seria bem mais junto dizer que eles ‘se vão’, pura e simplesmente. (...). Eles desaparecem de sua vista porque o espectador fica no seu lugar que não é mais o lugar para vê-los” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.47).

Para Didi-Huberman, as luzes que persistem desafiam a visão limitada do espectador, que pode perdê-las apenas ao renunciar a segui-las (DIDI-HUBERMAM, 2011). A metáfora dos vaga-lumes em processo de desaparecimento na sociedade de consumo reflete a ideia de Benjamin sobre a transformação da arte em mercadoria e a consequente perda da experiência estética (BENJAMIN, 1987). Ambos os discursos, pertencentes a ordem da construção de uma crítica a crise política encontram no esforço de Didi-Huberman ao dialogar com a desesperança de Pasoline um “aceno discreto” de um possível futuro onde os vagalumes sobrevivem. Ainda que para isso, se faça necessário o esforço de imaginação, da preservação das memórias e a consideração da

imanência do tempo histórico. “A imaginação é política, eis o que é preciso levar em consideração” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 61).

1.2 Experiência do vazio?

Em um recorte neocapitalista, vive-se em uma temporalidade acelerada. Tão acelerada que os leva “para além de seu *para onde*” (HAN, 2017, p. 70). O modo como entende-se o tempo é o resultado de uma série de fatores culturais e também subjetivos que podem ser observados também em outras pesquisas (ADERALDO, 2020 apud BAUMAN, 2003; BAUDRILLARD, 2005; LIPOVETSKY, 2007). A quantidade de informações se torna algo relevante e a experiência é atravessada pela hipercomunicação e pela hiperprodução.

Nessa dinâmica de aceleração no processo de vida, a narrativa entra em crise: não é possível acelerar uma narração, uma vez que a sua estrutura é estreita e não participa de uma lógica aditiva, mas sim processual. Em suas palavras:

A narração exerce uma seleção; o curso narrativo é estreito, só admite determinados acontecimentos. É por isso que ele impede a proliferação e massificação do positivo. O excesso de positividade que hoje domina a sociedade é um indicativo de que esta foi privada de sua narratividade. Nesse processo, a memória também foi atingida (HAN, 2017, p. 75).

É possível refletir sobre a acumulação de informações que se dá em meios de comunicação digital comparado com rituais e cerimônias. Não seria possível acelerar um batismo, por exemplo, porque ele possui uma narrativa e um tempo próprio. Já a produção de notícias em um ambiente do *TikTok* podem (e são) aceleradas, porque possuem a lógica de processadores. É necessário processar o máximo de produtos, imagens e informações, para além do seu tempo em teoria. Rituais e cerimônias são procissões, acompanhando uma linearidade de acontecimentos e respeitando seus ritmos.

Outra questão a ser levantada sobre a aceleração é, literalmente, o tempo que se demora em produtos de áudio, texto ou imagem. O tempo acelerado caminha lado a lado com o vazio de sentido (HAN, 2017), uma vez que não há tempo para interpretar e

absorver uma mensagem ou um significado. Por outro lado, uma narrativa não permite essa aceleração, portanto conserva o tempo para que o indivíduo consiga experienciar as sensações e absorver as mensagens que estão sendo criadas. Para Han (2023), o *storytelling* seria a forma de aceleração de uma narrativa, destroçando seu tempo e se resumindo em uma sucessão de momentos presentes, apenas para capturar a atenção de um ouvinte ou leitor.

Retomando Benjamin (1987), pode-se dizer que as narrativas não só possuem uma aura, como as mantêm de forma indestrutível. Esse conceito de “aura” pode ser utilizado aqui para entender a diferença entre o que é simplesmente informação e o que se qualifica como uma experiência autêntica. A narrativa, com sua estrutura temporal intrínseca, preserva e transmite essa aura. No contexto atual, o resgate da narratividade pode ser visto como um ato de resistência contra a hiperaceleração e pelo consumo incessante de informações fragmentadas. Assim, a narração não apenas sobrevive, mas também se destaca como uma forma de restabelecer a profundidade na experiência.

2. Ciberbarão

Analisar a integração das narrativas ancestrais na paisagem digital requer compreender que a expansão tecnológica não apenas reconfigura as maneiras de contar histórias, mas também se apresenta como um suporte (MANOVICH, 2001). Os podcasts e *TikToks* emergem como manifestações contemporâneas desse fenômeno. Proporcionando não apenas novos modos narrativos, mas também uma ampliação do âmbito relacionado à transmissão e interpretação das narrativas.

Com um ritmo contemplativo e cadenciado os podcasts, intrinsecamente ligados à sua natureza sonora instigam uma experiência imersiva e mais íntima, evocando paralelos com a tradição oral. Ressoando nesse sentido com as reflexões de Walter Benjamin sobre a natureza dinâmica e transcendental da narrativa oral, que possui a capacidade única de transcender limites temporais e espaciais, conectando o passado, presente e futuro (BENJAMIN, 1987). A vivência - tanto para o narrador quanto para o ouvinte - torna-se um elemento intrínseco a essa narrativa, que, ao ser explorado em maior profundidade, propicia uma conexão mais significativa. No *TikTok*, plataforma em

que as histórias desdobram-se em fragmentos ágeis e dinâmicos evidencia-se uma adaptação à acelerada dinâmica da sociedade contemporânea. A abordagem que desafia os paradigmas tradicionais da experiência narrativa reflete a essência da sociedade atual, conforme indicado por Han (2017). No âmbito da busca por visibilidade instantânea a superficialidade se destaca, comprometendo a profundidade e autenticidade das experiências.

É possível ampliar o escopo desta discussão ao considerar outros formatos que também desempenham um papel vital na manifestação e perpetuação das narrativas ancestrais. Plataformas como YouTube por exemplo, proporcionam um espaço vasto para narrativas visuais longas, que permitem uma exploração mais profunda de mitos e lendas. A interatividade presente nos comentários possibilita a construção coletiva de significados, aproximando a experiência digital da oralidade compartilhada.

Outras redes sociais, como o Instagram e o Facebook, tornaram-se arenas onde microcontos e narrativas breves encontram um lar. As histórias são encapsuladas em imagens, legendas e vídeos curtos, desafiando a narrativa convencional ao condensar significados em formatos compactos e facilmente compartilháveis. Ao contrário dos podcasts, se alinham à dinâmica acelerada da sociedade contemporânea, oferecendo uma abordagem instantânea e acessível às narrativas.

A ascensão de narrativas em jogos digitais é outra vertente digna de exploração. Em mundos virtuais, como nos jogos de RPG online, as narrativas são co-construídas pelos jogadores, oferecendo uma experiência interativa imersiva (MURRAY, 2012). Recriando a experiência participativa da tradição oral em ambientes virtuais.

CONSIDERAÇÕES

Do diálogo realizado entre Didi-Huberman, Benjamin e Han ao considerar a presença das narrativas ancestrais na paisagem digital surgem dois principais apontamentos: 1) a convergência entre tradição e inovação, enquanto terreno fértil não apenas para resistir a um sistema que busca anular espaços de experiências significativas, mas também como remodeladora da própria natureza dessas experiências; 2) a metamorfose contínua e as diversas formas narrativas em um contexto digital em

constante evolução, moldando não apenas a narrativa em si, mas a maneira como ela é vivenciada. Redefinindo assim a própria ideia de experiência na sociedade contemporânea.

A convergência entre tradição e inovação, manifestada em plataformas contemporâneas como podcasts e *TikTok*, inspira uma discussão significativa sobre a narrativa digital e suas implicações nas possibilidades de se contar histórias. Esta convergência não apenas responde à ameaça da homogeneização, mas atua como uma força dinâmica que transcende as barreiras do tempo e do espaço, permitindo o acesso a conteúdos previamente inacessíveis e oferecendo novas possibilidades para a preservação cultural. Nos podcasts, a fusão de tradição e inovação cria experiências auditiva envolvente, onde narrativas ancestrais são reanimadas de forma dinâmica, ajustando-se a características contemporâneas, como trilhas sonoras elaboradas e a participação ativa do público. Este processo não apenas conserva, mas também reinterpreta as narrativas, tornando-as acessíveis e atrativas para as gerações contemporâneas. Da mesma maneira, no universo dinâmico do *TikTok*, a convergência entre tradição e inovação se destaca em vídeos curtos que contam histórias de maneiras criativas e visuais. A linguagem inovadora da plataforma permite que criadores explorem narrativas tradicionais de maneiras estimulantes, utilizando recursos visuais dinâmicos e trilhas sonoras envolventes. A tradição é revigorada em um formato que se alinha com os gostos e preferências da era digital.

Em segundo lugar, a metamorfose contínua e as múltiplas formas narrativas no contexto digital em constante evolução não apenas transformam a natureza com que se conta e ouve histórias, mas também inspiram uma reconfiguração dinâmica da experiência. Este fenômeno transcende a mera transformação da narrativa em si; exerce uma profunda influência sobre como essas narrativas são vivenciadas. A sociedade contemporânea não se depara apenas com novas histórias, mas sim com uma metamorfose na maneira de absorver, interpretar e interagir com essas narrativas. Esse dinamismo não apenas molda a própria narrativa, mas também redefine a própria ideia de experiência na sociedade contemporânea. A experiência, antes vinculada a espaços físicos específicos, agora transcende fronteiras ao se manifestar no mundo digital,

oferecendo uma dimensão totalmente nova e dinâmica. Nesse cenário, a narrativa multimodal, a integração de elementos visuais, sonoros e interativos amplia as possibilidades de envolvimento do público.

Além disso, essa metamorfose não ocorre de maneira isolada. As narrativas em rede, interconectadas através de plataformas digitais, criam uma teia complexa de histórias entrelaçadas. Os usuários são agora participantes ativos de um ecossistema narrativo em constante expansão onde é possível visualizar e contribuir para a criação coletiva de significado. O extraordinário não reside mais apenas nas conexões estabelecidas com a oralidade e com a vivência, mas se manifesta nas possibilidades ilimitadas e em constante evolução do digital.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADERALDO, Carlos Victor Leal; AQUINO, Cassio Adriano Braz de e SEVERIANO, Maria De Fátima Vieira. **Aceleração, tempo social e cultura do consumo: notas sobre as (im)possibilidades no campo das experiências humanas**. Cad. EBAPE.BR [online]. 2020, vol.18, n.2, pp.365-376.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 165-196.

BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

CAMPBELL, J. **O herói de mil fases**. São Paulo: Pensamento, 1989.

DIDI-HUBERMEN, G. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MANOVICH, L. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MATOS, G. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MURRAY, J., H. **Hamlet no Holodeck**. São Paulo: Unesp, 2003.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

SOBRE AS AUTORAS:

Marilaine Camargo: Mestranda em Comunicação em Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), com bolsa PROSUP/CAPES. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, especialista em Metodologias Ativas e TDICs na Educação e participa dos grupos de pesquisa 'Mídia, Tecnologia e Cotidiano' e 'Telas: cinema, televisão, streaming e experiência estética', ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UTP e ao CNPq.

Letícia Porfírio: Doutoranda em Comunicação em Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), com taxa PROSUP/CAPES. Participa dos grupos de pesquisa 'Mídia, Tecnologia e Cotidiano' e 'INCOM: Interações Comunicacionais, Imagem e Culturas Digitais', ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UTP e ao CNPq.